

**RESENHA: EDUCAÇÃO E PODER, DE MICHAEL  
APPLE TRADUÇÃO DE MARIA CRISTINA MONTEIRO PORTO  
ALEGRE, ARTES MÉDICAS, 1989. 201P. (TÍTULO  
ORIGINAL: EDUCATION AND POWER, BOSTON. 1985).**

Thimoteo CAMACHO\*

Em **Educação e Poder**, Apple visa à ampliação da compreensão da sociedade, enriquece a abordagem da perspectiva das classes sociais (teoria marxista) e incorpora as noções de gênero e raça. O texto faz referências explícitas ao feminismo socialista, à cultura vivida dos estudantes, à experiência de ser negro e mulato e pobre, aos trabalhadores e aos jovens progressistas.

O livro é a continuação e atualização de um outro trabalho de Michael Apple, muito citado, **Ideologia e Currículo (Ideology and Curriculum**, Boston, Routledge and Kegan Paul, 1979), tendo sido escrito em 1984, no clima de crise mundial do capitalismo e da retomada do avanço da direita nos Estados Unidos, com a eleição de Ronald Reagan, com folgada vantagem, para o segundo mandato. A crise do sistema penaliza sobretudo as camadas mais pobres da população, como demonstram cifras nada animadoras do livro de Manuel Castells, **The Economic Crisis and American Society**, reproduzidas no texto:

“Precisamos estar lembrados, por exemplo, de que um em cada sete americanos vive na pobreza, assim como uma em cada cinco crianças. Essas cifras não estão diminuindo: elas aumentam inexoravelmente devido à política econômica, social, militar, de saúde e de educação da atual administração. Estamos, na verdade, movendo-nos em direção ao que se chama economia de pico duplo à medida que os números crescem nos extremos.” (p. 12)

---

\* Professor de Sociologia do Departamento de Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.

Paralelamente ao ressurgimento da direita e à exacerbação de tendências que acentuam a crise do sistema, Apple denuncia a acentuada mercantilização da educação, bem como a crescente influência das grandes empresas e do complexo militar sobre as escolas, em todos os níveis, não só nos Estados Unidos, como na Europa e na América Latina.

Apesar de tudo isso, o texto é, até certo ponto, otimista, pois o autor não crê em uma vitória monolítica das ideologias dos poderosos, identificadas como Capital, Patriarcado e Racismo. E aponta soluções. Estas são encontráveis na RESISTÊNCIA dos trabalhadores das fábricas, das minas, dos escritórios e das escolas. As novas formas de resistência podem ser localizadas não apenas a nível macro (economia, política), mas também vivenciadas no cotidiano e na cultura e experienciadas no local de trabalho e nas relações de classe, raça e gênero.

Algumas questões desenvolvidas no texto e que merecem destaque são as seguintes:

- sob que formas complexas e contraditórias as escolas estão relacionadas com outras instituições?
- quais as respostas que as pessoas dentro e fora da escola dão a essas contradições e tensões?
- as análises mais recentes das relações e respostas - incluindo algumas das pesquisas marxistas mais interessantes - revelam isso de forma adequada?
- como os processos de produção cultural e econômica e o de contestação estão relacionados na escola?
- as reformas atualmente propostas são adequadas para lidar com essas complexidades?
- o que os educadores e outras pessoas progressistas podem fazer a respeito dessa situação?

As respostas a essas questões, diz Apple, virão através da descrição das pesquisas a respeito da escola e da reprodução cultural e econômica bem como do confronto com suas próprias opiniões.

Apple afirma que a crise estrutural tem efeitos sobre o processo de trabalho e que as escolas como instituições culturais "refletem" as mudanças no processo de trabalho, na cultura, na legitimidade. As escolas não têm sido instrumento de igualdade e democracia, como seria desejável. As críticas têm mostrado que, ao contrário, as escolas, através do currículo explícito e do currículo oculto, têm contribuído para reproduzir

a ordem social e a estratificação iníqua em termos de classe, raça e gênero.

Pensadores como Baudelot, Althusser, Bourdieu e Establet (França), Bernstein, Young, Whitty (Inglaterra), Gramsci (Itália), Bowles & Gintis e o próprio Apple (EUA), têm demonstrado que o sistema educacional e cultural é elemento importante na manutenção e reprodução das relações de exploração e dominação da sociedade capitalista. Apple marca a sua posição afastando-se tanto das análises que tomam a escola como o problema (ao invés de tomá-la como parte de um quadro mais amplo na estrutura social), como daqueles que entendem que as escolas estão tão integradas no quadro mais amplo, que nada se pode ganhar atuando nelas.

“A minha própria análise me leva, portanto, a duas cautelas: dar-se conta de que entender as escolas e atuar nelas não é suficiente, mas também saber disso e ignorá-las é simplesmente errado. Como tentarei demonstrar, na verdade, o sistema educacional - exatamente por causa da sua localização no interior de uma trama mais ampla das relações sociais - pode constituir um importante terreno no qual as ações mais significativas podem ser desenvolvidas.” (p.27)

Pode-se esquematizar o texto nas seguintes linhas mestras:

- a) descrição de um trabalho de orientação marxista para perceber como enfrentar a questão central da reprodução;
- b) descrição do desenvolvimento do pensamento do autor, partindo de seu trabalho **Ideologia e Currículo** (1979);
- c) propostas para a ação possível.

Ao analisar a relação entre currículo e reprodução, Apple critica a pretensa neutralidade da busca do método mais eficiente na elaboração dos currículos. A suposta neutralidade das instituições de ensino, do conhecimento ensinado, dos seus métodos e ações, têm ajudado a legitimar as bases estruturais da desigualdade. Em oposição, o autor apresenta o conceito de legitimação, citando Wittgenstein, para afirmar que o significado da linguagem está em seu uso.

Mas é preciso também examinar a forma como o sistema de exploração e dominação persiste e se reproduz, sem que isso

seja percebido conscientemente pelas pessoas envolvidas, especialmente na educação.

Rejeitar a neutralidade da instituição educacional diante do sistema global não significa, para Apple, aceitar modelos teóricos da reprodução, como têm sido elaborados até agora. Ao contrário, o autor critica o que considera ser mecanicismo do modelo base-superestrutura. As escolas não são "meramente" instituições de reprodução que vêem nos estudantes agentes passivos de mensagens pré-fabricadas. Se em certa medida é inegável que ocorre a reprodução, deve-se considerar que isso se dá não sem atrito e contradições. O autor diz que algumas análises, entre elas as da reprodução ou correspondência, continuam a tratar a escola como uma caixa preta, e isto o deixa tão insatisfeito como as análises tradicionais: a escola tratada dentro do modelo **input-output**. Para superar as análises da educação e do currículo e suas ligações com o mundo mais amplo, Apple propõe que se avance com o uso de técnicas variadas: históricas, econômicas, culturais e etnográficas. O autor faz uma opção pela esquerda, elaborando uma análise neo-marxista da cultura, negando as teorias liberais e propondo avanço e reformulações às análises reprodutivistas, permitindo que estas possam incorporar as contradições e as resistências.

O avanço proposto deve examinar a contestação e a resistência no interior das instituições, no próprio local de trabalho, quer seja a escola, o escritório, a mina ou a fábrica.

"Os homens e as mulheres trabalhadores aparecem envolvidos em atividades públicas e informais que deixamos de perceber quando falamos apenas em termos reprodutivos." (p.40)

Para perceber o "outro lado do currículo" são necessários estudos etnográficos que consideram o cotidiano e histórias de trabalhadores no local de trabalho, onde efetivamente se encontra a resistência e a contestação.

Outro ponto tratado no texto refere-se à relação entre o conhecimento técnico e o "ajustamento-desajustamento" dos estudantes onde a análise proposta é estrutural, isto é, considera tanto as condições internas como externas da escola. A noção de desajustamento vê o sistema escolar como meritocrático, o que é criticado:

"Esperáramos que a relação entre as notas nos testes escolares e o êxito na vida adulta aumentasse com o tempo, e que a relação entre a origem familiar e o êxito adulto caísse. Nada disso está ocorrendo." (p.58).

O que ocorre, diz Apple, é uma "amplificação dos desajustamentos" realizada pela escola. Nesse ponto o autor concorda com Althusser, que define a escola como aparelho ideológico do Estado, desde que sejam relacionados os níveis econômico e cultural em termos de interação. As escolas são agentes reprodutivos, como dizem os teóricos da reprodução, mas também ajudam a produzir, são órgãos e agentes do processo de produção, criação e recriação da cultura dominante. Para o autor, tanto os teóricos do capital humano (meritocracia, "neutralidade"), como os teóricos da alocação (as escolas distribuem os indivíduos pelos seus lugares apropriados, dentro da divisão hierárquica do trabalho) entendem a escola como agente da distribuição. Apple concorda e simpatiza com os teóricos da alocação (economia política da educação). "Entretanto, ambas as posições, e de modo especial qualquer posição que queira compreender plenamente o lugar da escola na reprodução da desigualdade, devem ser complementadas por um foco concomitante na escola como uma instituição produtiva e não somente reprodutiva." (p.60-61)

O texto discute também o crescente papel da intervenção do Estado, tendência que se acentua a partir da II Guerra Mundial nos países desenvolvidos. Até 1930 o Estado reservava o seu papel de atuação à distribuição e recrutamento, mas tem atuado cada vez mais na produção. O Estado regula, controla e subsidia interesses especiais, principalmente na indústria armamentista. Intervém também no sentido da expansão do mercado, comercialização dos produtos e aparelho militar na absorção da mão-de-obra dos trabalhadores "excedentes", através do aumento do número de funcionários. A tendência dessa intervenção nos vários setores da sociedade é a socialização das perdas e a privatização dos lucros. Nesse aspecto, a escola responde às necessidades de acumulação do capital e da legitimação do Estado. O conhecimento é pensado como mercadoria, no sentido metafórico.

As suas análises, diz Apple, não devem conduzir ao pessimismo, pois apontam para as contradições que podem e devem ser exploradas. O papel que o Estado exerce no processo de produção cultural e econômica situa-se na esfera política.

podendo, portanto, apontar para os conflitos, o que o deixa sujeito a críticas. A esfera política pode tornar-se um campo de luta que ponha em risco a esfera econômica. Alguns exemplos de atuação nessa linha: fazer pressão nas escolas de engenharia para alcançar uma "engenharia democrática"; a nível de administração pode-se desenvolver esforços para uma distribuição igualitária da administração e da gerência, para uma "administração democrática"; reduzir o poder ideológico do "expert" competente; "democratização do conhecimento técnico-administrativo".

Frente à constante degradação do trabalho que atinge os trabalhadores das escolas, minas, fábricas e escritórios (e que atinge principalmente as parcelas mais pobres dos assalariados e, ainda, mais acentuadamente, as mulheres), Apple contrapõe como alternativa as FORMAS DE RESISTÊNCIA: luta pelo salário, controle da produção, greves de caráter não apenas econômico, busca da cogestão. O texto cita pesquisas realizadas a nível da cultura do trabalho, que exemplificam formas de resistência de trabalhadores negros nas minas e de mulheres, cuja prática cotidiana elabora anti-normas, como operação tartaruga, sabotagem etc., que se contrapõem ao controle excessivo do capital.

Apple enfatiza que a resistência, tanto a nível da ação como do seu entendimento, extrapola a classe social, incluindo o gênero e a raça, pois é perceptível a nível político, econômico, cultural e na vida cotidiana. Assim, a cultura da feminilidade é entendida a partir da relação entre o capitalismo e o patriarcado, classe e gênero. Angela MacRobbie, citada no texto, realizou pesquisas envolvendo garotas da classe operária e da classe média, mostrando como elas experienciam classe e gênero no cotidiano como forma distinta de vida. Essa autora mostra que as formas culturais das jovens são vistas como marginais, devido ao fato delas serem freqüentemente empurradas para a periferia da sociedade pela dominação masculina.

"Uma formação social precisa ser compreendida como sendo constituída como - isto é, como sendo ativamente reconstruída - sob os fundamentos das relações tanto de gênero quanto de classe. Os dois, classe e gênero, não são separados, mas articulados." (128).

A partir das pesquisas de Willis e MacRobbie, Apple conclui que a divisão sexual do trabalho não resulta de uma divisão a partir do capital, mas o capital é que construiu as suas próprias divisões a partir das divisões sexuais já existentes. As relações patriarcais, de gênero e de classe, não são redutíveis uma à outra, mas dificilmente podem ser separadas. "A divisão sexual do trabalho estruturada com base na dominação masculina é 'colonizada', 'arreatada' pelas estruturas do capital". (Citação de Lucy Blond et alli. **Women 'Inside' and 'Outside' The Relations of Production**). Citando Paul Willis (**Learning to Labor & Profane Culture**), lembra que os padrões culturais que dominam a classe trabalhadora entre os rapazes leva à afirmação da masculinidade, do ser "durão". Para as garotas emerge a recriação da feminilidade, onde a abstração da situação de classe se dá através do uso refinado de roupas, na postura e na linguagem.

Apple introduz, a seguir, a variável raça na compreensão de vários segmentos da classe trabalhadora, discutindo a experiência de ser negro ou mulato e pobre. Por exemplo, jovens negros da Inglaterra desenvolvem padrões de cultura afro-caribenha como forma de contestação que são semelhantes aos encontrados nos guetos e nos centros "decadentes" das cidades norte-americanas. A cultura desses jovens é vivida em termos de uma sutil "consciência" de que a cultura da escola e currículo desconhecem a experiência e a cultura negra.

A adoção do CREOLE como língua e como mecanismo tanto de exclusão como de solidariedade mútua manifesta-se a nível de resistência lingüística. Ocorre então, como entre os rapazes e as moças discutidos anteriormente, a contestação e a resistência.

"O creole atua como 'índice vivo' da amplitude da alienação negra em relação às formas, aos valores e aos objetivos daqueles grupos que ocupam as posições mais elevadas da sociedade". (p.129).

Do lado dos estudantes é preciso pensar no que é ensinado, o conteúdo do que é ensinado. Por exemplo, deve ser pensada a introdução da história das lutas dos trabalhadores, dos programas socialistas feministas e das lutas dos negros, como espaço coletivo de engajamento e mudanças curriculares. Mas é preciso ser realista, diz Apple, pois só introduzir novos conhecimentos pode não ser suficiente. É preciso pensar conjuntamente numa estratégia socialista de ação. Sempre haverá espa-

ços de atuação: cultura vivida dos estudantes; experiência de ser negro ou mulato e pobre; trabalhadores e jovens progressistas; consciência feminista socialista.

Através do currículo se dá o controle do capital e do Estado sobre a educação. Apple cita três tipos de controle de trabalho, a fim de torná-lo mais produtivo para o capital: a) controle simples ou explícito; b) controle técnico (menos óbvio, operacionalizado a partir da tecnologia numérica da indústria, onde o trabalhador age sob o ritmo da máquina); c) controle burocrático (significa uma estrutura social em que o controle é ainda menos visível). Os princípios desse controle são definidos pela relação hierárquica no local de trabalho, onde devem imperar regras impessoais de direção e procedimento para avaliação do desempenho tomadas como medidas oficialmente aprovadas.

A tentativa de controle na escola, por sua própria natureza relativamente autônoma, é difícil, a nível simples ou burocrático. Não obstante, a escola tem sido imune ao controle técnico onde, pelas formas do currículo, entram os "pacotes pré-fabricados" e caixas de material de ciência, matemática, leitura. São os "sistemas" ou "módulos". A consequência para os professores na escola, como para os operários na fábrica, é a desqualificação.

Esses materiais pré-fabricados são formas de controle do trabalho dos professores. Mas o currículo embutido pode prever a resistência dos professores em aceitá-lo, procurando "fazer cera" ou alterná-lo com outros métodos e materiais. Apple diz que forma e conteúdo devem ser pensados conjuntamente:

"Devemos admitir que podem haver elementos progressistas dentro do conteúdo do currículo que contradigam as mensagens da forma... E é na interação entre **forma e conteúdo** e a **cultura vivida dos estudantes** que as subjetividades são formadas". (p. 170)

Concluindo, convém que se destaque os principais aspectos discutidos em **Educação e Poder**, de Michael Apple.

O autor desenvolve uma crítica conceitual e empírica do que chama teorias mecanicistas da reprodução, ou melhor, aos aspectos mecanicistas das teorias reprodutivistas ou da correspondência, sem negar as "determinações" que existem. Na verdade, o que faz é relativizar e chamar a atenção para os aspectos contraditórios da reprodução. Afirma que não se pode reduzir todos os aspectos da forma e do conteúdo do currículo

explícito e do currículo oculto das escolas ao nível econômico. Mesmo quando a educação "funciona" não é possível entendê-la a partir dos seus aspectos de funcionalidade. Seria anti-dialético, diz Apple, tratar a cultura e a política como meras imagens reflexas da classe dominante. Reconhece que relações importantes entre as esferas política, cultural e econômica, sendo a última bastante poderosa. Reconhece ainda a existência de condições materiais e ideológicas que fundamentam a permanência de boa parte de nossa formação social, mas chama a atenção para a autonomia relativa das várias instâncias e das contradições que entre elas existem.

Ver a cultura e a política como locais de luta significa tomar a escola como esfera do trabalho contra-hegemônico importante:

"Se as formas e o conteúdo do Estado (assim como a economia) são inerentemente contraditórios, se essas contradições são experienciadas na própria escola, por professores e alunos, então a gama de ações possíveis amplia-se consideravelmente". (p. 182)

Apple procura construir uma disciplina que seja crítica das categorias claramente economicistas e reducionistas e que, no seu entender, têm sido danosas à teoria e à tradição marxista. Uma disciplina que, ao mesmo tempo, questione a escola, pondo às claras a dominação e as raízes da exploração existentes. Isso não é tarefa fácil, como reconhece o próprio autor, mas é possível hoje, quando se vive um período de intensos debates críticos no interior da esquerda.

Como estratégia de ação, pois, a crítica e a denúncia são insuficientes. Apple propõe a ação política e cultural no cotidiano, no local de trabalho, onde melhor se pode desenvolver a resistência. A tática aqui seria tomar da direita a bandeira da democracia. Defender a democracia para a construção da sociedade socialista. Isso é fundamental, especialmente em um ambiente de ressurgimento da direita.

"A democracia torna-se palavra de ordem não apenas para unir as várias frações da classe trabalhadora mas também para unificar as reais lutas políticas e econômicas daquela classe." (p. 187).

Apesar das condições adversas, Apple é otimista em relação ao futuro. Cita alguns exemplos de grupos de resistência ligados à educação e que são atuantes, como o Rank and Fill, na Inglaterra, o Women's Education Press, no Canadá, o Boston Women's Teachers Group, nos Estados Unidos. Esses grupos buscam combinar ações contra as relações patriarcais, contra o racismo e contra a introdução de técnicas e interesses da direita. A ação política e educacional deve ser seguida de um trabalho teórico e de pesquisa que lute pela introdução da história dos modelos socialistas no currículo. Deve-se buscar ainda canais de comunicação que incluam não apenas os professores, mas também os alunos, pais e jovens da classe trabalhadora.

Concluindo, Apple reproduz o programa de transição proposto por Carney e Shearer, e que possa construir um movimento de longo prazo, estruturalmente orientado, e que contenha o que chama de reformas não reformistas.

Esse programa de transição deveria conter as seguintes características: "deveria aumentar o poder das pessoas em relação às suas vidas e reduzir o poder das empresas e dos ricos; deveria ser facilmente explicável às pessoas e traduzido em medidas claras como leis, referendos populares e reivindicações organizadas; deveria ter uma forma simples de identificação (tal como EPIC - End Power In California nos anos 30); seus elementos deveriam, em teoria, ser realizáveis ao nível da luta política na qual as pessoas são envolvidas- governo do estado e das cidades: tanto quanto possível, deve estar relacionado às necessidades das pessoas em suas vidas cotidianas; e, finalmente, o programa deveria refletir aquela parte da população que poderia compor um movimento da maioria em favor da mudança." (CARNOY, Martin and SHEARER, Derek, **Economic Democracy**, N- Y., White Plains, 1980, p. 191).

(Recebido para publicação em 27.03.90  
e liberado em 18.04.90)